

# Mapas Nabais Conde: catalogação do Fundo

## Nabais Conde Maps: cataloguing of the collection

Maria de Fátima Moura de Carvalho<sup>1</sup>

Teresa Margarida Simões Mendes<sup>2</sup>

### RESUMO

Em 2011, a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra adquiriu a Coleção de Mapas Nabais Conde. Após a digitalização dos 1191 mapas, iniciou-se o seu tratamento técnico, que decorreu entre janeiro de 2017 e janeiro de 2018.

Terminado o tratamento técnico e analisando a coleção, pode-se observar que, no que concerne à época de publicação, o século XVIII é o mais representado, da mesma forma que o Reino Unido, a França e a Holanda são os países de onde procede a maioria dos editores/impressores. O mapa mais valioso é um mapa de Portugal segundo Álvaro Seco, datado de 1560, e orientado a Ocidente. Grande parte dos mapas são representações de Portugal. Além dos mapas encontramos ainda cartas náuticas, assim como inúmeras imagens que representam vistas de cidades.

---

1 Bibliotecária na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – [fmoura@bg.uc.pt](mailto:fmoura@bg.uc.pt)  
<https://orcid.org/0000-0002-4610-1822>

2 Bibliotecária na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – [uc43220@uc.pt](mailto:uc43220@uc.pt)  
<https://orcid.org/0000-0003-3709-4904>

Quanto ao tratamento catalográfico, foi usada a ISBD (edição consolidada); o Fundo foi classificado com a Classificação Decimal Universal e indexado com termos de indexação da base de dados Millennium da Universidade de Coimbra.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Mapas, Fundo Nabais Conde, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

### **ABSTRACT**

In 2011 the General Library of University of Coimbra acquired the Nabais Conde Maps Collection. After the digitalization of the 1191 maps, we began their technical treatment, which took place between January 2017 and January 2018.

After the technical treatment and by analysing the collection it is possible to notice that regarding to the time of publication, the 18th century is the most represented, just as the United Kingdom, France and the Netherlands are the countries from which most publishers / printers come from. The most valuable piece is a map of Portugal according to Álvaro Seco, dating from 1560 and oriented to the West. Most of the maps are representations of Portugal. In addition to the maps, we also find nautical charts, as well as numerous images representing city views.

As for the cataloguing was used ISBD (consolidated edition), the collection was classified according to the Universal Decimal Classification and indexed with indexation terms of the University of Coimbra Millennium database.

### **KEYWORDS**

Maps, Nabais Conde Collection, General Library of the University of Coimbra.

## **1. Introdução**

Este artigo pretende apresentar o tratamento que foi efetuado ao Fundo de Mapas Nabais Conde pertencente à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Enquanto profissionais de bibliotecos-

nomia, não tencionamos aferir da importância cartográfica deste fundo, mas tão só descrever as opções que foram tomadas para o seu tratamento.

Iniciamos com a narrativa da proveniência deste Fundo e com uma breve biografia do professor que compilou a coleção. Em seguida, abordamos a catalogação de mapas, caracterização do Fundo e uma breve referência aos mapas mais valiosos e aos cartógrafos mais importantes.

## 2. Biografia de Nabais Conde e proveniência dos mapas

Carlos Alberto Nabais Conde, investigador e docente da Universidade de Coimbra, nasceu a 26 de janeiro de 1935. Licenciou-se pela Universidade de Coimbra em Ciências Físico-Químicas, em 1957, em 1959 ingressou no Departamento de Física da Universidade de Manchester para frequentar o curso *“Advanced Studies in Science – Physics”*, em 1965 foi-lhe concedido pela *Faculty of Science* da Universidade de Manchester o grau de *“Doctor of Philosophy”*. Por despacho ministerial de outubro de 1970 foi-lhe concedida equiparação ao grau de Doutor em Física pelas universidades portuguesas. No ano de 1973 realizou provas para concurso de provimento de um lugar de professor extraordinário de Física da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra tendo sido aprovado por unanimidade em mérito absoluto e classificado em primeiro lugar em mérito relativo (Conde, 1976). Em termos profissionais, toda a sua carreira, desde 1959 até 2005 (o ano em que se jubilou), decorreu na Universidade de Coimbra como professor de Física. Depois de terminada a carreira académica, não deixou de colaborar, quer com a Universidade quer com os colegas, sempre que solicitado.

Foi agraciado com o título Doutor *Honoris Causa* (em Física) pela Universidade da Beira Interior, em 1995; e em 2004 recebeu o Pré-

mio de Estímulo à Ciência, atribuído pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Cedo se interessou pela cartografia antiga, quer em termos estéticos e artísticos, quer em termos científicos e históricos. “Assim, não é de estranhar que, de entre objetos de cultura, começasse a admirar de modo especial os mapas antigos, dado terem simultaneamente um conteúdo artístico e histórico, uma continuada procura do rigor científico e permitirem imaginar viagens não só no espaço, como também no tempo” (Almeida, 2004).

Em meados da década de 1980, este seu interesse levou-o a adquirir o seu primeiro mapa: um mapa de Portugal segundo Álvaro Seco, com cerca de 400 anos. “Às vezes dava comigo a sonhar em ter um mapa antigo, mas não sabia nem como, nem onde o poderia adquirir. Até que um dia, há cerca de 17 anos, o Sr. Américo Marques, na rua do Alecrim, em Lisboa, me mostrou um mapa de Portugal segundo Álvaro Seco, com cerca de 400 anos e retirado do *Atlas* de Ortelius. Comprei-o de imediato” (Almeida, 2004). Tal foi a génese da coleção que hoje conhecemos.

A coleção foi sendo reunida ao longo de sensivelmente 25 anos, crescendo em número, mas sobretudo em interesse histórico e científico. A importância da sua divulgação tornou-se evidente para o colecionador e para todos aqueles que dela iam tendo conhecimento. Desta forma, em 2003, uma conjugação de esforços levou à realização de uma exposição que teria lugar no Museu Nacional da Ciência e da Técnica, em Coimbra, com o nome “Olhar o mundo, ler o território”. Para a preparação da exposição foi necessário reunir os exemplares a expor, dispersos por vários locais; foi então que surgiu a oferta do Doutor Aníbal Pinto de Castro, diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, para que estes fossem albergados num espaço da Biblioteca, a sala Lopes de Almeida, e aí pudessem ser acondicionados, inventariados e avaliados com vista à exposição.

A exposição foi inaugurada a 10 de dezembro de 2003 e esteve patente no Museu cerca de um mês; após o seu termo a Fundação Calouste Gulbenkian, por intermédio do Dr. João Caraça, mostrou interesse na coleção e concedeu um subsídio à BGUC, o que permitiu adquirir equipamento informático (*hardware* e *software*), bem como mobiliário adequado à colocação de mapas. A mesma Fundação concedeu também uma bolsa à Eng.<sup>a</sup> Maria João Benquerença para continuar a inventariação da coleção. Desta forma, durante os anos seguintes, foi possível reunir na Biblioteca Geral os mapas que compõem a “Coleção de Mapas Nabais Conde”.

A presença da coleção na Biblioteca Geral mostrou-se benéfica a vários níveis: em primeiro lugar, porque possibilitou a reunião de todos os exemplares num só espaço, dotado de condições físicas para o seu armazenamento, permitiu também que o seu conteúdo fosse conhecido e que fosse sendo utilizado em exposições, como foi o caso da exposição “A barra e os portos de Aveiro, 1808-1832”, realizada na Sala de São Pedro em 2008, em conjunto com a Administração do Porto de Aveiro. Por fim, foi benéfica para a própria coleção, pois desta forma teve uma maior projeção.

Em 2010, o então diretor da BGUC, Doutor Carlos Fiolhais demonstrou interesse em adquirir a coleção de uma forma definitiva para a Universidade de Coimbra : “ (...) Pelas razões apontadas, sou do parecer de que a UC deveria adquirir a referida coleção, reunida ao longo de muitos anos com especial competência e carinho por um Professor da UC, incorporá-la devidamente nos fundos da Biblioteca Geral, que assim ficam sobremaneira valorizados, e facultá-la, na medida do que for possível, ao usufruto dos investigadores e do público em geral.” (Fiolhais, 2010). De facto, adquirir a coleção e incorporá-la nos fundos da Biblioteca Geral viria a ser muito vantajoso, em primeiro lugar pela óbvia importância e riqueza científica, histórica e artística da coleção, depois porque esta iria complementar de uma forma exponencial o acervo cartográfico da biblioteca, mas sobretudo porque permitiria

que investigadores e público em geral a ela passassem a ter acesso de forma direta, ou através das digitalizações entretanto realizadas.

Depois de avaliada a coleção, foi apresentada uma proposta ao seu detentor, que a aceitou, não pelo preço proposto (que estaria abaixo do valor real), mas sobretudo porque, ao aceitar a proposta da Universidade de Coimbra, se garantiria a unidade da coleção e a respetiva localização na “sua universidade”. Transcrevemos uma parte da carta enviada ao Magnífico Reitor pelo Doutor Nabais Conde:

*“Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra,*

*Dado o interesse manifestado pela Universidade de Coimbra e na sequência dos contactos estabelecidos, venho informar a Universidade de Coimbra da possibilidade de aquisição da minha coleção de mapas antigos que se encontra depositada na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra [...]. Faço esta oferta definitiva à Universidade de Coimbra não só pelo reconhecimento que devo à Instituição, como também pelo facto de nela terem, desde há anos, hospedado e procurado valorizar a coleção.*

*Aceito com gosto a vossa oferta de que a coleção, mantendo a sua unidade, passe a ser conhecida por «Coleção de Mapas Nabais Conde»”* (N. Conde, 2010).

Assim, em 2011 a “Coleção de Mapas Nabais Conde” passou a ser parte integrante do acervo da BGUC.

### 3. Catalogação de mapas

Segundo a obra de Carmen Líter Mayayo e Carmen García Calatayud (1999, p. 13), “materiais cartográficos” são aqueles que representam, total ou parcialmente, a Terra ou os corpos celestes em qualquer escala, como mapas e plantas a duas ou três dimensões, as cartas aeronáuticas, marinhas e celestes, os globos, as cartas de terreno, as

fotografias aéreas, os atlas, as vistas de voo de pássaro, as imagens de satélite, entre outros.

O Fundo Nabais Conde é constituído por mapas terrestres e marinhos. Os mapas são maioritariamente pertencentes à cartografia antiga. Todos os mapas anteriores a 1901 são considerados cartografia antiga, enquanto os posteriores a 1901 são considerados cartografia moderna.

O tratamento da coleção Nabais Conde foi iniciado em janeiro de 2017 e ficou concluído em janeiro de 2018. Foram duas bibliotecárias a trabalhar a tempo parcial, pois, no mesmo período, ocuparam-se também do tratamento dos Fundos do Depósito Legal e das Ofertas recebidas na Biblioteca Geral.

A necessidade de tratamento destes mapas fez-se sentir devido ao processo de digitalização que sofreram. Tornava-se necessário disponibilizar não só as imagens digitais, mas também os metadados.

Na verdade, “os mapas constituem atualmente um dos meios de informação mais úteis no mundo que nos rodeia. Ao mesmo tempo que refletem imagens do mundo noutros períodos da história, os mapas são importantes instrumentos de investigação, o que origina, por sua vez, uma generalização do seu uso não só a nível político e militar, mas também noutros campos, como a educação, o turismo, as viagens, os meios informativos, a investigação, etc. Os mapas servem também para a localização de lugares geográficos, até aos mais complexos projetos de investigação, e como elemento auxiliar em exposições e acontecimentos culturais, no mundo editorial e até na publicidade e no ócio” (Líter Mayayo & García Calatayud, 1999, p. 9)

A catalogação da coleção do Fundo Nabais Conde iniciou-se com a descrição bibliográfica, através da utilização da ISBD (edição consolidada).

O tratamento catalográfico de mapas através da ISBD (International Standard Bibliographic Description) iniciou-se em 1973, com a

subsecção da IFLA (International Federation of Library Association) das Bibliotecas de Mapas e Geografia a sugerir a criação de um Grupo de Trabalho para criar uma ISBD específica para a catalogação de mapas. Nesta época, aperceberam-se de que os livros não são os únicos meios de transmissão de conhecimento e que as instituições precisam de meios adicionais para tratar todos os documentos existentes nas bibliotecas. Este Grupo de Trabalho foi estabelecido em 1974. Já tinham sido publicadas as ISBD's (M) (monografias) e (S) (séries) e, em 1975, surge a primeira versão da ISBD (CM) (Cartographic Material). Houve ainda uma segunda versão, que já incluía as alterações introduzidas pela ISBD (G) (geral). Entre 1976 e 1977 foram introduzidas as alterações necessárias para acomodar os comentários recebidos. A versão definitiva da ISBD (CM) saiu em 1977 (International Federation of Library Associations and Institutions, 1977).

Em 2011, saiu a ISBD, edição consolidada, publicada pela IFLA. Em 2012, sairia a versão portuguesa publicada pela Biblioteca Nacional; foi esta edição que serviu de base à descrição do Fundo Nabais Conde.

A descrição de materiais cartográficos é igual aos restantes documentos. A ISBD divide-se em nove zonas e as regras de descrição bibliográfica são idênticas aos restantes materiais. As zonas particularmente importantes são a zona 3 (dados matemáticos), a zona 5 (descrição física) e a zona 7 (notas).

Na zona dos dados matemáticos: o primeiro elemento é a escala, que é a razão matemática entre a distância no documento cartográfico e a medida real representada. Todos os mapas estão feitos segundo uma escala determinada, embora no caso da cartografia antiga a escala, por vezes, não esteja presente no mapa. Não existindo escala, foi feita uma pesquisa em fontes de informação externa (quase sempre nos OPAC's de outras bibliotecas que têm os mesmos mapas já catalogados) para determinar a escala aproximada. Neste caso, usou-se os parenteses retos indicando essa escala. Quando não se conseguiu encontrar e determinar a escala, usaram-se as expres-

sões “sem escala” ou “escala indeterminada” (Líter Mayayo & García Calatayud, 1999).

Zona da descrição física: a primeira menção é “1 mapa”, depois se é “p & b” ou “color”. Nas dimensões, teve-se em conta as medidas do próprio mapa, na forma de altura x largura. Se as dimensões das folhas diferem muito das do mapa, pode dar-se também as dimensões da folha (Líter Mayayo & García Calatayud, 1999).

Zona de notas: nesta zona, completa-se a descrição dos materiais cartográficos. Podem ser notas técnicas sobre, por exemplo, escalas, projeções, coordenadas, entre outras. Notas históricas: dados sobre datas do documento, autores, editores, impressores, procedência, etc. Notas bibliográficas: particularidades do exemplar, marcas de água, notas manuscritas, *ex-libris*, entre outras possibilidades. Notas sobre elementos decorativos e ornamentais: descrição de vistas de cidades, de paisagens, de personagens representadas, etc. Notas sobre as características físicas do documento cartográfico: estado de conservação, se lhe falta alguma parte, entre outras observações possíveis (Líter Mayayo & García Calatayud, 1999).

Muitos dos Mapas da coleção Nabais Conde pertencem a obras mais vastas: são páginas de atlas ou obras que contêm mapas. No tratamento efetuado desta coleção optou-se por fazer o tratamento individual de cada mapa. Esta opção foi tomada pelo facto de a digitalização ter sido efetuada singularmente. Às imagens digitais de frente e verso de cada mapa corresponde um registo bibliográfico.

Na zona 0, tal como descrito na ISBD (IFLA, 2012), utilizamos os termos “Imagem” quanto à Forma do conteúdo. No Qualificador do conteúdo: (cartográfica ; bidimensional; estática ; visual).

No Tipo de meio: sem mediação.

Conforme refere Elizabeth Mangan (2007, p. 24), para usar os tesouros cartográficos necessitamos de saber que existem, onde se localizam e como obter acesso: isto é a base porque os materiais nas bibliotecas são catalogados.

No caso da Coleção de Mapas Nabais Conde, tivemos que tomar opções em relação à entrada principal do registo bibliográfico e também sobre como fazer os acessos por assunto.

Existem duas tradições para o acesso principal dos mapas: uma tradição é a de usar a área geográfica como ponto de acesso privilegiado. Isto foi feito em Harvard, em 1831, no primeiro mapa catalogado e no catálogo do British Museum, em 1843. A outra tradição é a de Library of Congress, que reflete a perspetiva de Philipp Lee Philipps de que catalogar mapas ou atlas não é diferente de catalogar outros documentos escritos e a Entrada Principal deve ser o autor. Temos de perceber de que esta polémica surge numa época em que existia um ponto de acesso principal para cada item. Com os catálogos *on line* podemos estabelecer múltiplos pontos de acesso para cada entidade bibliográfica (Mangan, 2007).

No caso do Fundo Nabais Conde, a Entrada Principal foi feita pelo cartógrafo, quando conhecido. No caso em que o cartógrafo estava registado no próprio mapa, a informação colocou-se também na zona do título e menção de responsabilidade e como Entrada Principal com o código de função “cartógrafo”. Nos casos em que não estava mencionado no mapa, mas em que encontrámos numa obra de referência, colocava-se o cartógrafo apenas na Entrada Principal. Foram feitos pontos de acesso secundário por impressores, editores, livreiros, local de publicação, entre outros.

Em relação às entradas pela CDU (Classificação Decimal Universal), usou-se a classe 9 (Geografia), a subclasse 91 (Geografia. Exploração da terra e de países. Viagens. Geografia regional) e, especificamente, a notação 912 (Representações não literárias, não textuais de uma região, incluindo mapas, atlas, globos, etc.). Utilizou-se o Auxiliar Comum de Lugar (3/9) (Lugares do mundo antigo e moderno) para localizar a região, país ou localidade que cada mapa especificamente representava.

Na indexação optou-se por fazer a entrada pela localização geográfica no campo 651 do Marc 21 Assunto: Nome geográfico; |y subdivisão cronológica: data específica ou aproximada do mapa; |v subdivisão de forma: mapa ou carta marítima.

Na coleção Nabais Conde existem também imagens. Foram catalogadas de acordo com as regras da ISBD (IFLA, 2012):

Zona 0 – Forma do conteúdo: Imagem. Qualificador de conteúdo: (estática; bidimensional; visual).

No Tipo de meio: sem mediação.

Na caracterização física introduzimos a indicação específica de material e a extensão, por exemplo: 1 gravura, se era a preto e branco ou colorida; a dimensão; e também a altura x largura.

As Classificações da Iconografia são a divisão 908 (Monografias). Utilizou-se o Auxiliar Comum de Lugar (3/9) (Lugares do mundo antigo e moderno) para localizar a região, país ou localidade que cada imagem representava. Usou-se os auxiliares comuns de forma (084.1) Figuras. Estampas. Ilustrações e o (084.12) para imagens fotográficas.

Na indexação, optou-se por fazer a entrada pela localização geográfica no campo 651 do Marc 21 Assunto: Nome geográfico; |y subdivisão cronológica: data específica ou aproximada da imagem; |v subdivisão de forma: iconografia.

#### **4. Caracterização do Fundo**

Foram feitos cerca de 1113 registos bibliográficos, num total de 1191 mapas. Existe esta diferença de 78 mapas que se verifica pelo facto de alguns mapas serem compostos por várias folhas, mas correspondem a apenas um registo.

Em relação ao século a que pertencem os mapas, podemos observar a tabela e gráfico 1:

Século	Número de mapas
15	7
16	75
17	178
18	369
19	288
20	187
21	1
Sem data	8
<b>Total</b>	<b>1113</b>

Tabela 1 – século a que pertencem os mapas

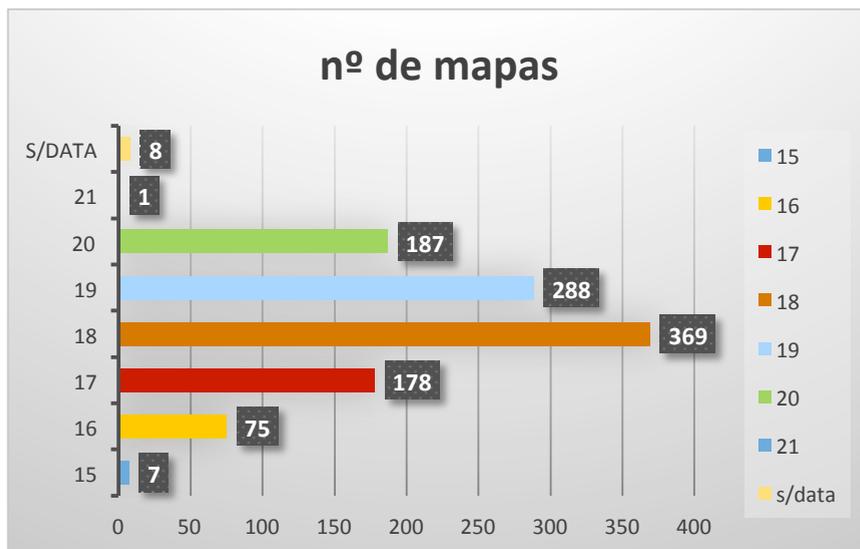


Gráfico 1 – percentagem de mapas por século

Na tabela 2 apresentamos as cidades em que foram editados os mapas:

<b>Cidade</b>	<b>Número de mapas</b>
<b>Amsterdão</b>	141
<b>Antuérpia</b>	14
<b>Augsburgo</b>	21
<b>Barcelona</b>	6
<b>Bassano del Grappa</b>	8
<b>Basileia</b>	7
<b>Berlin</b>	4
<b>Bruxelas</b>	2
<b>Castiglione Aretino</b>	1
<b>Chicago</b>	2
<b>Coimbra</b>	1
<b>Colónia</b>	9
<b>Deventer</b>	1
<b>Edimburgo</b>	5
<b>Estrasburgo</b>	5
<b>Florença</b>	29
<b>Frankfurt</b>	10
<b>Freiburg</b>	1
<b>Genebra</b>	2
<b>Glogów</b>	1
<b>Gota</b>	14
<b>Haia</b>	1
<b>Hildburghausen</b>	16
<b>Langley</b>	1
<b>Leiden</b>	9
<b>Leipzig</b>	28
<b>Lisboa</b>	115
<b>Liverpool</b>	1
<b>Livorno</b>	1

<b>Cidade</b>	<b>Número de mapas</b>
<b>Londres</b>	207
<b>Lyon</b>	1
<b>Madrid</b>	24
<b>Mannheim</b>	2
<b>Marselha</b>	1
<b>Nápoles</b>	1
<b>Nuremberga</b>	25
<b>Pádua</b>	2
<b>Paris</b>	159
<b>Porto</b>	3
<b>Roma</b>	15
<b>São Petersburgo</b>	1
<b>Strand</b>	1
<b>Turim</b>	3
<b>Veneza</b>	35
<b>Veimar</b>	5
<b>Viena</b>	47
<b>Washington</b>	8
<b>Ulm</b>	3
<b>[S.I.]</b>	114
<b>Total</b>	1113

Tabela 2 – cidades dos editores dos mapas

No gráfico 2 os países dos editores:

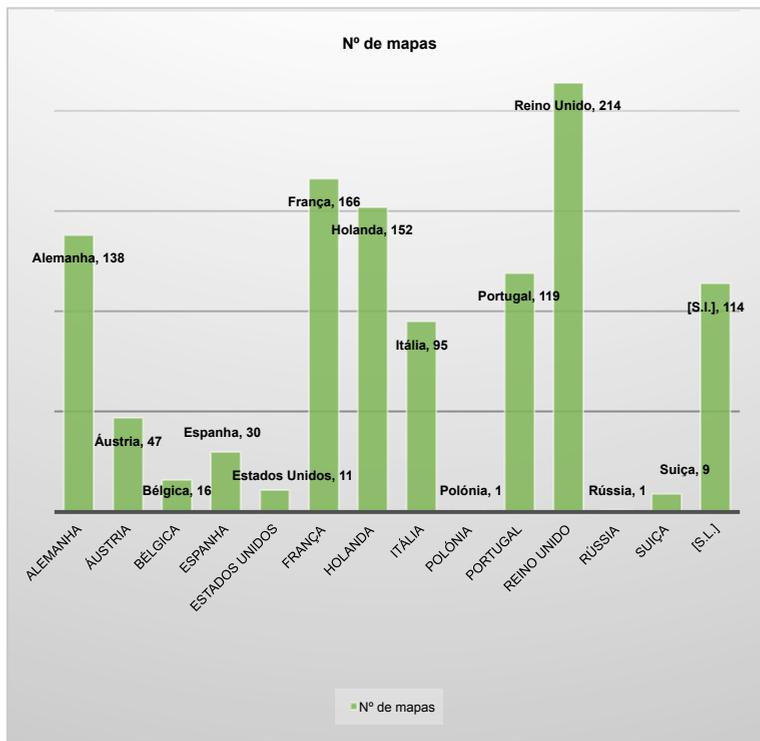


Gráfico 2 – Percentagem de mapas por países

Em relação aos assuntos com que os mapas estão indexados apresentamos na tabela 3 os mais representados por ordem decrescente de número de mapas:

Assuntos	N.º de mapas
<b>Portugal, mapa</b>	241
<b>Península Ibérica, mapa</b>	123
<b>Espanha, mapa</b>	47
<b>Ambiente, Portugal, mapa</b>	45
<b>Açores, mapa</b>	37

<b>Oceano Atlântico, carta náutica</b>	34
<b>Portugal, costa, mapa</b>	32
<b>Mar Mediterrâneo, carta náutica</b>	28
<b>Lisboa, mapa</b>	20

Tabela 3 – Assuntos mais representados

A lista total dos assuntos representados nos mapas Nabais Conde é apresentada no anexo 1.

Existem também vários exemplares de Iconografia:

Em relação aos locais de publicação e datas a iconografia está incluída nas tabelas 1 e 2.

Em relação aos assuntos apresentamos na Tabela 4 todos os termos de indexação presentes na Iconografia:

<b>Assunto</b>	<b>N.º de gravuras</b>
<b>Açores, 1789, iconografia</b>	1
<b>Angra do Heroísmo, 1595, iconografia</b>	2
<b>Angra do Heroísmo, 1596, iconografia</b>	1
<b>Antiquera (Espanha), séc. 16, iconografia</b>	1
<b>Archidona (Espanha), séc. 16, iconografia</b>	1
<b>Armazém das Obras do Mondego, Coimbra, iconografia</b>	1
<b>Azamor, séc. 16, iconografia</b>	1
<b>Belém (Lisboa), séc. 17, iconografia</b>	1
<b>Buarcos, 1627, iconografia</b>	1
<b>Calcutá, séc. 16, iconografia</b>	1
<b>Cananor, séc. 16, iconografia</b>	1
<b>Carlos II, rei de Inglaterra, 1630-1685, retrato</b>	1
<b>Casablanca, séc. 16, iconografia</b>	1
<b>Cascais, 1590, iconografia</b>	1
<b>Catarina de Bragança, Rainha de Inglaterra, 1638-1705, retrato</b>	1

<b>Assunto</b>	<b>N.º de gravuras</b>
<b>Coimbra, iconografia</b>	2
<b>Coimbra, 1627, iconografia</b>	1
<b>Coimbra, 1808, iconografia</b>	1
<b>Coimbra, 1838, iconografia</b>	1
<b>Coimbra, séc. 19, iconografia</b>	6
<b>Coimbra, séc. 20, iconografia</b>	1
<b>Convento de Santa Clara, Coimbra, 1908, fotografia</b>	1
<b>Diu, séc. 16, iconografia</b>	1
<b>Évora, 1715, iconografia</b>	1
<b>Filipe III, Rei de Espanha, 1578-1621, árvore genealógica</b>	1
<b>Fonte de Santana, Coimbra, iconografia</b>	2
<b>Fonte dos Amores, Quinta das Lágrimas, Coimbra, 1908, fotografia</b>	1
<b>Foral, Coimbra, 1516, iconografia</b>	1
<b>Fortificações portuguesas, África, séc. 16, iconografia</b>	1
<b>Fortificações portuguesas, Índia, séc. 16, iconografia</b>	1
<b>Funchal, sé. 19, iconografia</b>	1
<b>Goa, séc. 16, iconografia</b>	1
<b>Granada, séc. 16, iconografia</b>	1
<b>Ilha da Madeira, 1750, iconografia</b>	1
<b>Ilha da Madeira, 1876, iconografia</b>	1
<b>Inquisição, Lisboa, séc. 18, iconografia</b>	1
<b>Inquisição, Portugal, séc. 18, iconografia</b>	1
<b>Jardim Botânico, Coimbra, iconografia</b>	2
<b>Lisboa, 1493, iconografia</b>	2
<b>Lisboa, 1497, iconografia</b>	1
<b>Lisboa, 1640, iconografia</b>	1
<b>Lisboa, 1645, iconografia</b>	1
<b>Lisboa, 1686, iconografia</b>	1
<b>Lisboa, 1702, iconografia</b>	1
<b>Lisboa, 1705, iconografia</b>	1

<b>Assunto</b>	<b>N.º de gravuras</b>
<b>Lisboa, 1713, iconografia</b>	1
<b>Lisboa, 1715, iconografia</b>	1
<b>Lisboa, 1750, iconografia</b>	1
<b>Lisboa, 1752, iconografia</b>	1
<b>Lisboa, 1755, iconografia</b>	1
<b>Lisboa, 1760, iconografia</b>	2
<b>Lisboa, 1765, iconografia</b>	2
<b>Lisboa, 1782, iconografia</b>	1
<b>Lisboa, 1832, iconografia</b>	1
<b>Lisboa, 1840, iconografia</b>	1
<b>Lisboa, 1858, iconografia</b>	1
<b>Lisboa, séc. 16, iconografia</b>	1
<b>Lisboa, séc. 17, iconografia</b>	1
<b>Lisboa, séc. 18, iconografia</b>	23
<b>Lisboa, séc. 19, iconografia</b>	3
<b>Lisboa, porto, séc. 18, iconografia</b>	1
<b>Mosteiro da Batalha, 1850, iconografia</b>	1
<b>Mosteiro da Batalha, séc. 19, iconografia</b>	1
<b>Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, séc. 19, iconografia</b>	1
<b>Ormuz, séc. 16, iconografia</b>	1
<b>Palácio do Duque de Aveiro, Lisboa, iconografia</b>	3
<b>Pneumática, iconografia</b>	1
<b>Pombal, Marquês de, 1699-1782, iconografia</b>	1
<b>Porto (cidade), 1835, iconografia</b>	1
<b>Porto (cidade), 1836, iconografia</b>	2
<b>Porto (cidade), séc. 19, iconografia</b>	2
<b>Praça do Comércio, Lisboa, iconografia</b>	1
<b>Procissão, Coimbra, iconografia</b>	1
<b>Reforma pombalina, Universidade de Coimbra, iconografia</b>	1
<b>São Jorge da Mina, séc. 16, iconografia</b>	1
<b>Sé Velha, Coimbra, iconografia</b>	1

<b>Assunto</b>	<b>N.º de gravuras</b>
<b>Serra de Monte Junto, 1840, iconografia</b>	1
<b>Sevilha, séc. 16, iconografia</b>	1
<b>Sintra, 1840, iconografia</b>	2
<b>Terramoto de Lisboa, 1755, iconografia</b>	1
<b>Torre de Belém, 1832, iconografia</b>	1
<b>Torres Vedras, 1840, iconografia</b>	1
<b>Traje popular, Covilhã, iconografia</b>	2
<b>Traje popular, Seixal, iconografia</b>	1
<b>Traje popular, Portalegre, iconografia</b>	1
<b>Universidade de Coimbra, Biblioteca Joanina, 1908, fotografia</b>	1
<b>Vida quotidiana, Goa, séc. 16, iconografia</b>	1
<b>Vila Nova de Gaia, 1836, iconografia</b>	1

Tabela 4 – Assuntos da Iconografia

Podemos afirmar que a maior parte dos mapas e imagens são de Portugal, sem dúvida pelo facto de o Doutor Nabais Conde se interessar particularmente por adquirir tudo o que dissesse respeito ao seu próprio país.

## 5. Mapas mais valiosos



Figura 1 – Mapa de Portugal de Tramezini (NC-899)

Conforme referido anteriormente, esta é uma coleção riquíssima e onde se incluem mapas muito valiosos, seja pela sua raridade, seja pela sua riqueza artística e histórica.

De acordo com os especialistas que procederam à avaliação da coleção aquando do processo de aquisição por parte da Universidade de Coimbra, “trata-se do mais completo conjunto de mapas de Portugal existente em mãos privadas e que se encontra na sua maioria em muito bom estado de conservação” (Mota, 2010). Os mesmos especialistas salientaram ainda a grande raridade da coleção: “A coleção inclui algumas peças de grande raridade...”, nomeadamente o *mapa de Portugal de Tramezini*, (1561, NC-899)<sup>3</sup> “uma única venda pública durante os dez últimos anos, correspondendo ao exemplar da coleção e que foi vendido em leilão em Londres...” (Mota, 2010). Também o *mapa de Portugal de Pedro Teixeira / Marcus Orozcus* (1662, NC-652) é destacado; em relação a este exemplar, os especialistas referem: “Não conseguimos encontrar nenhuma venda de um mapa destes...”

<sup>3</sup> NC corresponde à cota do Fundo Nabais Conde no catálogo Millennium da UC.

(Mota, 2010). Também Nabais Conde, no livro “Olhar o mundo, ler o território”, faz referência a estes dois mapas; diz-nos o colecionador: “na coleção está representado o primeiro mapa de Portugal de Álvaro Seco, datado de 1560 e orientado para ocidente, na sua primeira versão impressa de Tramezini em 1561...”; refere-se ainda que “cerca de um século depois do mapa de Álvaro Seco, Pedro Teixeira publicou em Madrid, em 1662, um novo mapa de Portugal (...); embora sem cartela e heráldica tem a parte geográfica completa” (Almeida, 2004). A obra “Olhar o mundo, ler o território” revelou-se de suma importância enquanto documento de apoio, não só durante a catalogação do fundo, mas também para a elaboração deste artigo, pois permitiu-nos obter informação especializada e credível, não só de cartografia, de um modo geral, mas sobretudo da coleção. O artigo de Nabais Conde que se encontra nesta obra (e que se intitula “Uma coleção e a sua história”) elenca de uma forma geral os pontos fortes da coleção, fazendo referência a alguns mapas e cartógrafos em particular, mas também salientando alguns aspetos e características dos mapas que os diferenciam: “Também por volta do século XVII foram publicados mapas, que são raros, emoldurados com vistas de cidades e personagens, designados como “cartes avec figures”, interessantíssimas peças de arte, com muita informação para além da geográfica” (Almeida, 2004). Por oposição a estes, os mapas do século XVIII perderam alguma exuberância, a riqueza artística perde-se, mas não se perde a informação geográfica; desta época chegam mapas de grandes dimensões, bastante pormenorizados. O autor destaca o mapa de Thomas Jeffreys (1790 / NC-799-804), impresso em 6 folhas, ou o de Don Tomás Lopez (1778 / NC -925-926), impresso em 8 folhas com formato fólho. A partir da segunda metade deste século e durante o século XIX surgem mapas elaborados com novas técnicas, como é o caso do mapa de Filipe Folque (1865 / NC-643). Durante o século XIX, começaram a aparecer mapas temáticos dedicados à geologia e à agricultura.

Como referido anteriormente, esta é a mais completa coleção de mapas de Portugal; possui exemplares valiosos que retratam o continente, mas não podemos deixar de destacar igualmente aqueles que representam as ilhas atlânticas. Nabais Conde refere que, “quanto às Ilhas Atlânticas, os primeiros mapas impressos que as representam separadamente datam do princípio do século XVI (Bordone, 1524 NC-941) e foram seguidos pelo muito mais perfeito mapas dos Açores de Luís Teixeira (NC-918), publicado pela primeira vez numa edição mais tardia (1584) do atlas de Ortelius” (Almeida, 2004). Ainda no que se refere a mapas antigos das ilhas, são de salientar os de Robert Dudley, um dos quais tem a particularidade de representar uma ilha imaginária a ocidente das ilhas do Corvo e das Flores (1661, NC-393 e NC-396).

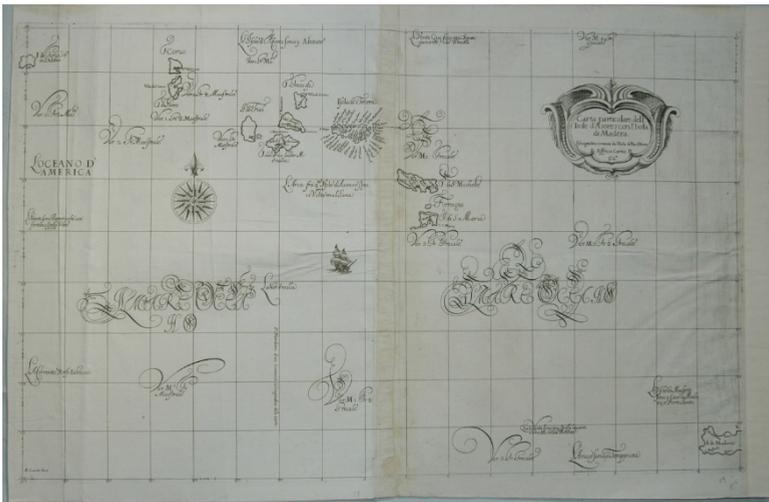


Figura 2 – Mapa de Dudley (NC-393)

A coleção possui um elevado número de cartas náuticas, das quais se destacam as do final do século XVI retiradas de Waghenaer “Spiegel der Zeevaert” (1590 /NC-739, entre outras). As cidades também têm representações diversas e distintas destas; realça-se um incuná-

bulu que representa “uma vista imaginária de uma terra portuguesa, publicado em 1493 por Schedel nas suas “crónicas de Nuremberg” (Almeida, 2004) (NC-665).

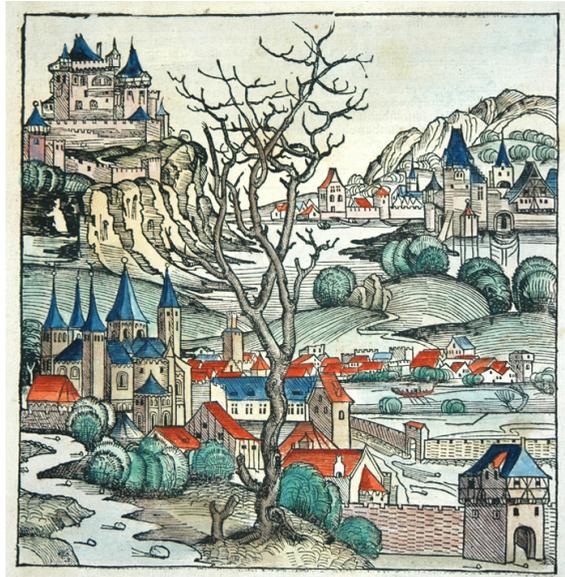


Figura 3 – vista imaginária de uma terra portuguesa de Schedel (NC-665)

Certamente muito mais haveria a destacar, pois esta coleção possui uma enorme variedade de informação histórica e geográfica, para além da riqueza artística. Julgamos, no entanto, ter enumerado os exemplares mais marcantes da coleção.

## 6. Cartógrafos

### 6.1. Fernando Álvares Seco

Foi um cartógrafo português do século XVI e o autor do primeiro mapa impresso em Portugal (“Seco, Fernando Álvaro,” 1960). Segundo Barbosa Machado (Machado, 1966a), trata-se de um matemático e

famoso geógrafo, cuja ciência ficou demonstrada ao fazer o mapa do Reino de Portugal, embora não existam muito mais informações. Aquiles Estaço, um humanista e escritor português muito conhecido, dedicou-o ao Cardeal Guido Sforza, em 1560. Foi impresso por Miguel Tremezzino. O fundo Nabais Conde tem dois exemplares deste mapa. Saiu mais correto em 1600, por Baptista Detecomio, tendo sido impresso em Amsterdão por Joannem Blavium & Joannem Jansonium. Existem dois mapas destes impressores no Fundo. Foi também reimpresso na edição do atlas de Ortelius em Antuérpia, em 1570. Foi usado por De Jode em 1563 e Blaeu em 1640 (*Tooley's Dictionary of Mapmakers*, 1979). Na totalidade, existem vinte e um mapas de Fernando Álvares Seco nos mapas Nabais Conde.

## 6.2. Ptolomeu

Matemático, astrónomo e geógrafo grego, nasceu e viveu em Alexandria, no Egipto, entre 87-150 d.C. Exerceu grande influência nos estudos geográficos, sobretudo no período do Renascimento clássico. Achou forma de demarcar as terras pela correspondência que existem entre cada uma e o céu, com a devida largura e lonjura. Tomou como meridiano de referência para a contagem das longitudes uma linha tirada através da presumida posição das Ilhas Afortunadas (que supostamente corresponderiam às Canárias e Madeira). Estudou também a forma de traçar os mapas e elaborou uma localização tabular sistemática dos lugares, em termos de latitude e longitude, para todas as regiões conhecidas (“Ptolomeu, Cláudio Ptolomeu, da Alexandria,” 1960).

Os manuscritos sobreviventes mais antigos são do século XII e XIII, tendo sido trazidos para a Itália e traduzidos para latim por Jacopo Angelo, em 1406. A primeira edição sem mapas é de 1475, e a primeira edição com mapas é de Bolonha, de 1477. A primeira edição alemã com xilogravuras e cinco novos mapas surgiu em Ulm, em 1482. Mar-

tin Waldseemuller edita o trabalho com vinte novos mapas, em 1513. A Coleção Nabais Conde incorpora um mapa da Península Ibérica: “Tabvla moderna et nova hispanie”.

Giacomo Gastaldi tem uma edição miniatura com sessenta novos mapas, feita em 1548.

Há ainda a edição de Gerhard Mercator de mapas clássicos, de 1578. A coleção Nabais Conde tem um exemplar do atlas: “Tabvlae geographicae Cl: Ptolemei ad mentem autoris restitutae & emendate per Gerardum Mercatorem Illustriss: Ducis Cliui etc Cosmographu” desta edição.

Girolamo Porro edita novas gravuras dos mapas, em 1596. Na Coleção Nabais Conde existe um mapa de Portugal deste ano: “Portvgalliae Regnum”.

Segundo refere Tooley’s (Tooley’s Dictionary of Mapmakers, 1979), Ptolomeu foi chamado pai da geografia. Aparentemente, as instruções do texto são suas, mas há quem duvide que a autoria dos mapas seja sua.

Na totalidade, a Coleção de Mapas de Nabais Conde tem seis mapas ptolemaicos.

### 6.3. Sebastian Münster

Estudioso judeu, matemático, cartógrafo e cosmógrafo, nasceu em Ingelheim, na Alemanha, em 1489, e morreu em 1552, em Basileia, na Suíça. Casou com a viúva de Adam Petri, um editor suíço.

A obra “Cosmographia”, de 1544, foi a primeira descrição alemã do mundo e a principal obra no renascimento do pensamento geográfico no século XVI, na Europa. Foi nomeado professor de hebraico na universidade de Basileia, em 1527, e editou uma Bíblia Hebraica em dois volumes (1534-1535), acompanhada de uma tradução latina com anotações. Em 1540, publicou uma edição em latim da “Geographia” de Ptolomeu, ilustrada com vinte e sete xilogravuras de mapas de

Ptolomeu e vinte e uma de sua própria autoria. Das cerca de quarenta edições da “Cosmographia” impressas na Alemanha, a edição de 1550, contendo retratos, vistas de cidades e ilustrações de vestuário, é a mais valorizada. Outras obras incluem um “Dictionarum trilingue”, de 1530 (em latim, grego e hebraico), e um “Mappa Europae”, de 1536 (“Münster, Sebastian,” 1995).

Os Mapas Nabais Conde têm seis gravuras de cidades de Münster, Antiquera, Archidona, Granada, Sevilha e Lisboa; e sete mapas da Península Ibérica, publicados em 1540 e 1544.

#### 6.4. Família La Feuille

Trata-se de uma família francesa dos séculos XVII e XVIII; vários dos seus membros foram cartógrafos, editores e gravadores de mapas. Emigraram para Amesterdão, pois, enquanto Huguenotes, foram perseguidos em França.

Daniel La Feuille nasceu em 1640 e morreu em 1709; foi ourives, relojoeiro, gravador e editor em Amesterdão. É o autor de um “Atlas Portatif”.

Jacob ou Jacques La Feuille nasceu em 1668 e morreu em 1719. Foi cartógrafo, gravador e editor, tendo casado com a viúva de De Ram. Publicou mapas de Londres e Paris (em 1690), de Malta (em 1696), um Atlas publicado em Amesterdão (cerca de 1710) e ainda um mapa de Itália, Grécia, Sicília, Sardenha, Córsega, Hungria e região dos Balcãs (em 1717).

Paul La Feuille nasceu em 1688 e morreu em 1727. Sucedeu ao pai, Daniel. Publicou atlas militares de bolso.

Jeanne la Feuille, irmão de Paul continuou o negócio da família.

Nos Mapas Nabais Conde existem cinco mapas desta família, todos eles alusivos a Portugal.

### 6.5. Frederick de Wit

Nasceu em 1610 e morreu em 1698. Foi um cartógrafo e editor holandês. Fundou o seu negócio em 1648 e comprou placas de Blaeu em 1674. Publicou, em 1670, “Atlases” e “Atlas Minor”; em 1675, o “Zee Atlas”; em 1666-1667, o “Atlas Belgium”; e, em 1690, publicou o “Atlas Major” (*Tooley’s Dictionary of Mapmakers*, 1979).

O Fundo Nabais Conde tem seis mapas em que o cartógrafo é Frederick de Wit: dois da Península Ibérica, três especificamente de Portugal e ainda uma carta náutica com a costa portuguesa e espanhola.

### 6.6. Abraham Ortelius

Flamengo, nasceu em 1527, em Antuérpia, e morreu em 1598, na mesma cidade da Bélgica. Foi cartógrafo e revendedor de mapas, de livros e de antiguidades. Publicou o primeiro atlas moderno, “Theatrum orbis terrarum”, editado pela primeira vez em 1570, mas com edições sucessivas até 1612. Era o atlas mais popular da sua época e continha setenta mapas, derivados de oitenta e sete autoridades e gravados num estilo uniforme. Treinado como gravador, Ortelius iniciou em 1554 um negócio de livros e antiguidades. Em 1560, por influência de Mercator, interessou-se pela criação de mapas. Além do “Theatrum”, fez também um mapa do Império Romano (em 1571), um do Egito (em 1565) e ainda um da Ásia, em 1567 (“Ortelius, Abraham,” 1995).

O Fundo Nabais Conde tem oito mapas de Ortelius: três dos Açores, um de Marrocos e do Congo, um da Península Ibérica, um do Sudeste Asiático e dois de Portugal.

Abraham Ortelius também editou vários mapas de Fernando Álvares Seco e, na coleção Nabais Conde, existem onze mapas de Portugal reeditados por aquele célebre cartógrafo flamengo.

### 6.7. Robert Dudley

Nasceu em Inglaterra, em 1574, e morreu em 1649, em Itália. Foi um marinheiro inglês, engenheiro, duque de Northumberland e conde de Warwick. Escreveu um tratado “Dell’ Arcano del Mare”, que continha um resumo dos conhecimentos contemporâneos de navegação. Navegou pela Guiana, Trinidad, em 1596, tendo feito parte das operações navais contra a Espanha. Em 1605, foi para Itália, onde ficou ao Serviço do Grande Duque da Toscana. Publicou, quase no fim da vida, o “Arcano”, um trabalho sobre como construir navios e sobre disciplina naval, mas que continha também a determinação da longitude e cartas baseadas na projeção de mapas de Mercator, além de desenhos de instrumentos (“Dudley, Sir Robert,” 1995).

Nos mapas Nabais Conde existem vinte e cinco mapas de Sir Robert Dudley: são mapas e cartas náuticas de África (com vários países africanos, mas também com a representação da costa), da Ásia (países asiáticos e costa), do Oceano Atlântico, do Oceano Índico, dos Arquipélagos da Madeira e dos Açores, de Portugal e da costa portuguesa, do Brasil e da Península Ibérica.

### 6.8. Luís Teixeira

Jesuíta português, nasceu em 1564 e morreu em 1604. Na obra de Tooley’s (*Tooley’s Dictionary of Mapmakers*, 1979, p. 613) diz-se que ele foi um matemático e cartógrafo que trabalhou ao serviço da coroa espanhola. Diogo Barbosa Machado refere que era Cosmógrafo-Mor do Reino (Machado, 1966b), “perito nas disciplinas de matemática, [tendo] adquirido pelo seu profundo estudo, e várias navegações, a verdadeira notícia da situação de diversas terras”, as quais deixou descritas nas seguintes obras: “*Descriptio Insularum Tertiarum*”, que saiu na obra de Ortelius (em 1584); “*Descriptio Insulae Japoniae*”, de 1595; e “*Magna Orbis terrarum nova Geographica...*”, de 1604.

Os mapas Nabais Conde têm seis mapas de Luís Teixeira, todos alusivos ao Arquipélago dos Açores.

## 7. Conclusão

Após a finalização da catalogação deste fundo de mapas e de cartas náuticas, sentimos que pudemos realizar um trabalho diferente e altamente compensador. Habitadas há alguns anos a catalogar livros em papel, partimos para este trabalho com muitas dúvidas e hesitações; no entanto, revelou-se uma tarefa muito interessante, não só pela beleza dos próprios mapas, como também pela aprendizagem que foi necessário ir fazendo. Conforme o desenrolar do trabalho, foi preciso fazer algumas alterações na catalogação e indexação inicial:

- começámos por colocar os cartógrafos como autores secundários, mas rapidamente chegámos à conclusão de que, quando tínhamos a certeza do cartógrafo, deveríamos fazer a entrada principal por esse cartógrafo. Afinal, eles são os principais responsáveis pela realização dos mapas.
- medimos as folhas dos mapas e tivemos que retificar, segundo o que está prescrito na ISBD: "...as dimensões dadas para recursos bidimensionais, se não existir outra especificação, são as dimensões dentro do quadro";
- quando iniciámos o tratamento dos mapas não colocámos uma entrada secundária para o local de publicação, e, como existiam muitos locais escritos em latim e noutras línguas, chegámos à conclusão de que, para encontrar mapas por local, seria necessário fazer esta entrada secundária por local;
- tivemos que uniformizar a indexação, no caso de, por exemplo: Ilhas Canárias, arquipélago da Madeira, entre outros.

O recurso a outras bibliotecas (por exemplo a Biblioteca Nacional de Portugal, ou Biblioteca Nacional de Espanha) e mesmo a sítios

da Internet de Leiloeiros foi muito importante para a determinação das escalas; servimo-nos frequentemente destes recursos, visto que, tratando-se na sua maioria mapas antigos, a escala não se encontra registada no próprio mapa.

Por todos estes fatores, podemos dizer que esta foi uma tarefa deveras interessante e gratificante.

## 8. Bibliografia

- ALMEIDA, A. C. de (Ed.). (2004). *Olhar o mundo, ler o território : uma viagem pelos mapas*. Coimbra : Instituto de Estudos Geográficos, Centro de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras.
- CONDE, C. A. N. (1976). *Curriculum Vitae*. Coimbra.
- CONDE, N. (2010). *Documento entregue pelo Prof. Doutor Carlos Alberto Nabais Conde, para a possibilidade de aquisição da "Coleção de Mapas Nabais Conde."*
- DUDLEY, Sir Robert. (1995). In *The New Encyclopaedia Britannica*.
- FIOLHAIS, C. (2010). *Parecer sobre a aquisição da "Coleção de Mapas Nabais Conde."*
- IFLA. (2012). *Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada (ISBD)* (Edição consolidada). Biblioteca Nacional de Lisboa.
- International Federation of Library Associations and Institutions. (1977). *ISBD(CM) : International Standard Bibliographic Description for Cartographic Materials*. London : IFLA International Office for UBC.
- LÍTER MAYAYO, C., & García Calatayud, C. (1999). *Materiales cartográficos : manual de catalogación*. Madrid : Arco/Libros.
- MACHADO, D. B. (1966a). Fernando Alvares Seco. In *Bibliotheca Lusitana* (p. 18). Atlântida Editora.
- MACHADO, D. B. (1966b). Luiz Teixeira. In *Bibliotheca Lusitana* (p. 155).
- Mangan, E. (2007). Cartographic Materials. *Journal of Map & Geography Libraries*. [https://doi.org/10.1300/J230v03n02\\_03](https://doi.org/10.1300/J230v03n02_03)
- MOTA, J. T. da. (2010). *Avaliação da Coleção de Mapas do Professor Nabais Conde*.
- MÜNSTER, Sebastian. (1995). In *The new Encyclopaedia Britannica*.
- ORTELIUS, Abraham. (1995). In *The new Encyclopaedia Britannica*.
- PTOLOMEU, Cláudio Ptolomeu, da Alexandria. (1960). In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (pp. 635–636).
- SECO, Fernando Álvaro. (1960). In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (p. 47). Editorial Enciclopédica.
- Tooley's Dictionary of Mapmakers*. (1979). Alan R. Liss.

## ANEXO I

## Lista dos assuntos representados nos mapas Nabais Conde:

<b>Assunto</b>	<b>N.º de mapas</b>
<b>Abastecimento de água, Portugal, mapa</b>	1
<b>Acácia, Portugal, mapa</b>	1
<b>Açores, carta náutica</b>	12
<b>Açores, costa, mapa</b>	2
<b>Açores, mapa</b>	37
<b>África, carta náutica</b>	1
<b>África Central, mapa</b>	1
<b>África, costa, mapa</b>	7
<b>África, costa, carta náutica</b>	7
<b>África, costa Nordeste, mapa</b>	1
<b>África, costa Ocidental, mapa</b>	18
<b>África, costa Oriental, mapa</b>	1
<b>África, mapa</b>	11
<b>África ocidental, mapa</b>	1
<b>Agricultura, Portugal, mapa</b>	1
<b>Água, qualidade química, Portugal, mapa</b>	4
<b>Águas subterrâneas, Portugal, mapa</b>	5
<b>Alasca, mapa</b>	1
<b>Alentejo, mapa</b>	6
<b>Alexandria, mapa</b>	1
<b>Alfarrobeira, Portugal, mapa</b>	1
<b>Algarve, costa, carta náutica</b>	4
<b>Algarve, mapa</b>	10
<b>Almeida, carta militar</b>	1
<b>Alojamento, Portugal, mapa</b>	2
<b>Ambiente, Portugal, mapa</b>	45
<b>Amendoeira, Portugal, mapa</b>	1
<b>América do Sul, costa, carta náutica</b>	1

<b>Assunto</b>	<b>N.º de mapas</b>
<b>América do Sul, mapa</b>	1
<b>Andaluzia, costa, carta náutica</b>	5
<b>Andaluzia, mapa</b>	2
<b>Angola, costa, carta náutica</b>	2
<b>Angola, mapa</b>	2
<b>Angra do Heroísmo, mapa</b>	1
<b>Angra do Heroísmo, porto, mapa</b>	2
<b>Aquíferos subterrâneos, Arquipélago da Madeira, mapa</b>	1
<b>Árabiá, península, mapa</b>	1
<b>Áreas protegidas, Portugal, mapa</b>	1
<b>Áreas sociais, distribuição, Portugal, mapa</b>	1
<b>Argélia, mapa</b>	9
<b>Argentina, mapa</b>	1
<b>Arquipélago da Madeira, carta náutica</b>	2
<b>Arquipélago da Madeira, mapa</b>	7
<b>Arquipélago de Cabo Verde, mapa</b>	6
<b>Ásia, mapa</b>	1
<b>Astúrias, mapa</b>	1
<b>Aveiro, barra, carta náutica</b>	1
<b>Azinheira, Portugal, mapa</b>	1
<b>Bacia hidrográfica, Portugal, mapa</b>	1
<b>Batalha do Buçaco, carta militar</b>	1
<b>Beira Alta, Portugal, mapa</b>	1
<b>Beira Baixa, Portugal, mapa</b>	1
<b>Beira Litoral, Portugal, mapa</b>	1
<b>Beiras, Portugal, mapa</b>	2
<b>Berlengas, carta náutica</b>	1
<b>Biscaia, mapa</b>	1
<b>Biscaia, baía, mapa</b>	1
<b>Bispado de Coimbra, mapa</b>	1
<b>Braga, mapa</b>	1

<b>Assunto</b>	<b>N.º de mapas</b>
<b>Braga, plantas antigas</b>	2
<b>Brasil, capitánias, mapa</b>	6
<b>Brasil, costa, mapa</b>	1
<b>Brasil, costa, carta náutica</b>	1
<b>Brasil, mapa</b>	3
<b>Buçaco, mapa</b>	1
<b>Cabo Espichel, mapa</b>	1
<b>Cabo Finisterra, mapa</b>	3
<b>Cádiz, baía, carta náutica</b>	1
<b>Cádiz, porto, planta</b>	3
<b>Caminhos de ferro, Europa, mapa</b>	1
<b>Caminhos de ferro, Península Ibérica, mapa</b>	1
<b>Caminhos de ferro, Portugal, mapa</b>	1
<b>Campanha militar francesa, Espanha, mapa</b>	1
<b>Canadá, mapa</b>	1
<b>Caraíbas, mapa</b>	1
<b>Carvalho, Portugal, mapa</b>	1
<b>Cascais, planta</b>	1
<b>Castanheiro, Portugal, mapa</b>	1
<b>Castela, mapa</b>	3
<b>Catalunha, mapa</b>	1
<b>Ceuta, baía, mapa</b>	1
<b>Chile, mapa</b>	1
<b>China, mapa</b>	1
<b>Clima, Portugal, mapa</b>	1
<b>Coimbra, mapa</b>	4
<b>Coimbra, planta</b>	2
<b>Colónias portuguesas, atlas</b>	1
<b>Colónias portuguesas, mapa</b>	1
<b>Concelho, área, Portugal, mapa</b>	1
<b>Congo, mapa</b>	1

<b>Assunto</b>	<b>N.º de mapas</b>
<b>Congo belga, mapa</b>	1
<b>Conservação da natureza, Portugal, mapa</b>	1
<b>Cultura de sequeiro, Portugal, mapa</b>	1
<b>Densidade da população, Arquipélago da Madeira, mapa</b>	1
<b>Densidade da população, Portugal, mapa</b>	1
<b>Diu, mapa</b>	1
<b>Egipto, mapa</b>	4
<b>Energia elétrica, fornecimento, Portugal, mapa</b>	1
<b>Elvas, planta</b>	1
<b>Espanha, costa, carta náutica</b>	4
<b>Espanha, costa, mapa</b>	12
<b>Espanha, costa Norte, mapa</b>	1
<b>Espanha, Costa Ocidental, carta náutica</b>	1
<b>Espanha, Costa Sul, mapa</b>	1
<b>Espanha, mapa</b>	47
<b>Espanha (Sul), mapa</b>	1
<b>Estocolmo, planta</b>	1
<b>Estreito de Gibraltar, mapa</b>	4
<b>Estremadura (Espanha), mapa</b>	2
<b>Estremadura (Portugal), mapa</b>	4
<b>Eucalipto, Portugal, mapa</b>	1
<b>Europa, costa, carta náutica</b>	1
<b>Europa, mapa</b>	2
<b>Evapotranspiração, Portugal, mapa</b>	1
<b>Évora, planta</b>	1
<b>Figueira, Portugal, mapa</b>	1
<b>Figueira da Foz, barra, carta náutica</b>	1
<b>Figueira da Foz, porto, planta</b>	1
<b>Florestas, Portugal, mapa</b>	1
<b>Folhosas, Portugal, mapa</b>	1
<b>Fortificações, Arronches, planta</b>	1

<b>Assunto</b>	<b>N.º de mapas</b>
<b>Fortificações, Elvas, planta</b>	1
<b>Fortificações, Estremoz, planta</b>	1
<b>Fortificações, Setúbal, planta</b>	1
<b>Fortificações, Torres Vedras, mapa</b>	1
<b>Fortificações, Vila Nova de Cerveira, planta</b>	1
<b>Fortificações, Vila Viçosa, planta</b>	1
<b>França, costa, carta náutica</b>	1
<b>França, costa, mapa</b>	1
<b>França, costa Norte, mapa</b>	1
<b>França, costa ocidental, mapa</b>	11
<b>Freguesia, área, Portugal, mapa</b>	1
<b>Fronteira, Portugal, mapa</b>	4
<b>Funchal, porto, planta</b>	1
<b>Galiza, costa, mapa</b>	3
<b>Galiza, mapa</b>	2
<b>Geada, Portugal, mapa</b>	2
<b>Geografia, atlas</b>	1
<b>Geologia, Portugal, mapa</b>	1
<b>Gibraltar, mapa</b>	3
<b>Gorée (Senegal), mapa</b>	1
<b>Granada, mapa</b>	1
<b>Golfo da Guiné, carta náutica</b>	2
<b>Guarda, Portugal, carta militar</b>	1
<b>Iémen, costa, mapa</b>	1
<b>Ilha da Madeira, carta náutica</b>	5
<b>Ilha da Madeira, carta topográfica</b>	1
<b>Ilha da Madeira, costa, mapa</b>	1
<b>Ilha da Madeira, mapa</b>	12
<b>Ilha das Flores (Açores), mapa</b>	1
<b>Ilha de Porto Santo, mapa</b>	3
<b>Ilha de São Miguel (Açores), mapa</b>	3

<b>Assunto</b>	<b>N.º de mapas</b>
<b>Ilha do Faial (Açores), porto, mapa</b>	2
<b>Ilha do Pessegueiro, mapa</b>	1
<b>Ilha Terceira (Açores), mapa</b>	1
<b>Ilhas Atlânticas, mapa</b>	4
<b>Ilhas de Sonda, mapa</b>	1
<b>Ilhas Canárias, carta náutica</b>	3
<b>Ilhas canárias, costa, mapa</b>	1
<b>Ilhas Canárias, mapa</b>	6
<b>Ilhas Maurícias, mapa</b>	1
<b>Ilhas Seicheles, mapa</b>	1
<b>Índia, mapa</b>	2
<b>Inglaterra, costa, mapa</b>	1
<b>Insolação, Portugal, mapa</b>	1
<b>Invasões francesas, Almeida, mapa</b>	1
<b>Invasões francesas, Buçaco, mapa</b>	1
<b>Invasões francesas, Fuentes de Oñoro, mapa</b>	1
<b>Invasões francesas, Guarda, carta militar</b>	1
<b>Invasões francesas, Lisboa, carta militar</b>	1
<b>Invasões francesas, Porto, carta militar</b>	1
<b>Invasões francesas, Portugal, carta militar</b>	1
<b>Invasões francesas, Portugal, mapa</b>	4
<b>Invasões francesas, Península Ibérica, mapa</b>	1
<b>Invasões francesas, Vimieiro, carta militar</b>	1
<b>Islândia, mapa</b>	2
<b>Israel, mapa</b>	1
<b>Japão, mapa</b>	1
<b>Kamchatka, mapa</b>	1
<b>Karlsruhe, planta</b>	1
<b>Lagos (Algarve), baía, carta náutica</b>	1
<b>Lagos (Algarve), porto, mapa</b>	1
<b>Leixões, porto, carta náutica</b>	1

<b>Assunto</b>	<b>N.º de mapas</b>
<b>Líbia, mapa</b>	3
<b>Lisboa, barra, carta náutica</b>	1
<b>Lisboa, mapa</b>	20
<b>Lisboa, planta</b>	6
<b>Lisboa, porto, carta náutica</b>	1
<b>Lisboa, porto, planta</b>	5
<b>Lisboa, plantas antigas</b>	6
<b>Lisboa (Região), mapa</b>	1
<b>Macau, mapa</b>	1
<b>Madagáscar, mapa</b>	1
<b>Madrid, plantas antigas</b>	1
<b>Malta, mapa</b>	1
<b>Mar Mediterrâneo, carta náutica</b>	28
<b>Mar Vermelho, carta náutica</b>	2
<b>Marrocos, costa, carta náutica</b>	3
<b>Marrocos, costa, mapa</b>	1
<b>Marrocos, mapa</b>	5
<b>Medronheiro, Portugal, mapa</b>	1
<b>Minho, mapa</b>	5
<b>Moçambique, mapa</b>	2
<b>Mombaça, mapa</b>	1
<b>Mundo, atlas</b>	3
<b>Mundo, mapa</b>	8
<b>Nápoles, mapa</b>	1
<b>Nápoles, plantas antigas</b>	1
<b>Nascentes minerais, Portugal, mapa</b>	1
<b>Navarra, mapa</b>	2
<b>Oceano Atlântico, mapa</b>	1
<b>Oceano Atlântico, carta náutica</b>	34
<b>Oceano Atlântico Norte, carta náutica</b>	11
<b>Oceano Atlântico Ocidental, mapa</b>	2

<b>Assunto</b>	<b>N.º de mapas</b>
<b>Oceano Atlântico Sul, carta náutica</b>	3
<b>Oceano Índico, carta náutica</b>	5
<b>Oceano Índico ocidental, carta náutica</b>	3
<b>Oliveira, Portugal, mapa</b>	1
<b>Palestina, mapa</b>	1
<b>Pecuária, Coimbra (distrito), mapa</b>	1
<b>Peniche, carta náutica</b>	1
<b>Península Ibérica, carta náutica</b>	2
<b>Península Ibérica, costa, mapa</b>	4
<b>Península Ibérica, costa Sudoeste, carta náutica</b>	1
<b>Península Ibérica, estradas, mapa</b>	1
<b>Península Ibérica, mapa</b>	123
<b>Perú, mapa</b>	1
<b>Pinheiro bravo, Portugal, mapa</b>	2
<b>Pinheiro de Alepo, Portugal, mapa</b>	1
<b>Pinheiro manso, Portugal, mapa</b>	1
<b>Pinheiro silvestre, Portugal, mapa</b>	1
<b>Plano Diretor Municipal, Portugal, mapa</b>	1
<b>Plano geral de urbanização, Portugal, mapa</b>	1
<b>Pomar, distribuição, Portugal, mapa</b>	1
<b>População residente, Portugal, mapa</b>	2
<b>Port Said, mapa</b>	1
<b>Portimão, barra, carta náutica</b>	1
<b>Portimão, porto marítimo, carta náutica</b>	1
<b>Porto (cidade), barra, carta náutica</b>	1
<b>Porto (cidade), porto marítimo, carta náutica</b>	1
<b>Porto (cidade), mapa</b>	6
<b>Porto (cidade), planta</b>	3
<b>Porto de Lisboa, mapa</b>	1
<b>Portugal, carta administrativa</b>	1
<b>Portugal, carta agrícola</b>	1

<b>Assunto</b>	<b>N.º de mapas</b>
<b>Portugal, carta ecológica</b>	1
<b>Portugal, carta florestal</b>	1
<b>Portugal, carta geológica</b>	2
<b>Portugal, carta hipsométrica</b>	1
<b>Portugal, carta litológica</b>	1
<b>Portugal, carta náutica</b>	1
<b>Portugal (Centro), mapa</b>	2
<b>Portugal, costa, carta náutica</b>	18
<b>Portugal, costa, mapa</b>	32
<b>Portugal, estradas, mapa</b>	5
<b>Portugal, humidade atmosférica, mapa</b>	1
<b>Portugal, intensidade sísmica, mapa</b>	1
<b>Portugal, mapa</b>	241
<b>Portugal, mapa de declives</b>	1
<b>Portugal, mapa geológico</b>	1
<b>Portugal, monografia</b>	1
<b>Portugal (Norte), mapa</b>	4
<b>Portugal, rede hidrográfica, mapa</b>	2
<b>Portugal (Sul), mapa</b>	4
<b>Precipitação, Arquipélago da Madeira, mapa</b>	1
<b>Precipitação, Portugal, mapa</b>	2
<b>Radiação solar, Portugal, mapa</b>	1
<b>Recolha de lixo, Portugal, mapa</b>	1
<b>Recursos hídricos, Arquipélago da Madeira, mapa</b>	1
<b>Regadio, Portugal, mapa</b>	1
<b>Reino de Leão, mapa</b>	1
<b>Relevo, Arquipélago da Madeira, mapa</b>	1
<b>Resinosas, Portugal, mapa</b>	1
<b>Rio Gâmbia, mapa</b>	1
<b>Rio Mondego, planta</b>	1
<b>Rio Níger, mapa</b>	1

<b>Assunto</b>	<b>N.º de mapas</b>
<b>Rio Tejo, carta náutica</b>	2
<b>Rio Tejo, foz, carta náutica</b>	1
<b>Rio Tejo, mapa</b>	1
<b>Sagres, planta</b>	1
<b>Saneamento básico, Portugal, mapa</b>	1
<b>Santarém, carta militar</b>	1
<b>São Martinho do Porto, baía, carta náutica</b>	1
<b>Setúbal, barra, carta náutica</b>	1
<b>Setúbal, porto, carta náutica</b>	1
<b>Sines, porto, planta</b>	1
<b>Sintra, mapa</b>	2
<b>Sobreiro, Portugal, mapa</b>	1
<b>Solo, Portugal, mapa</b>	2
<b>Solo, utilização, Portugal, mapa</b>	3
<b>Somália, costa, mapa</b>	1
<b>Sudeste asiático, mapa</b>	1
<b>Temperatura, Arquipélago da Madeira, mapa</b>	1
<b>Temperatura, Portugal, mapa</b>	1
<b>Transporte de passageiros, Portugal, mapa</b>	2
<b>Trás-os-Montes, mapa</b>	4
<b>Trás-os-Montes e Alto Douro, mapa</b>	1
<b>Tunísia, costa Norte, mapa</b>	1
<b>Tunísia, mapa</b>	5
<b>Uruguai, mapa</b>	1
<b>Vento, Portugal, mapa</b>	1
<b>Vias marítimas, Europa, mapa</b>	1
<b>Videira, Portugal, mapa</b>	1
<b>Vila Nova de Milfontes, mapa</b>	1
<b>Zambujeiro, Portugal, mapa</b>	1